

A INVISIBILIDADE DA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NEGRA NO AMBIENTE ACADÊMICO

Inserir os autores conforme exemplo abaixo, para cada autor:

Janaína Fernandes da Silva

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

janaina.silva@aluno.unifametro.edu.br

Simone Menezes Mendes

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

simone.mendes@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: História, Patrimônio e Identidade

Área de Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Encontro Científico: IX Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Os longos de 5 anos dedicados ao curso de Arquitetura e Urbanismo estuda-se a arquitetura clássica greco-romana, as cidades cristãs medievais, grandes catedrais, paisagens eurocêtricas, lê-se sobre a influência europeia e na contemporaneidade, sobre as grandes obras desconstrutivistas e voltadas para a sociedade de consumo, essencialmente capitalista. Considerando-se a composição racial da sociedade brasileira, é considerável a ausência das referências da cultura africana e afro-brasileira no âmbito acadêmico. Desta forma o presente estudo tem como objetivo discutir o padrão eurocêntrico estruturado e a falta de referências afro-brasileiras em sala de aula, de forma a provocar ou incentivar a inserção das referências sobre a cultura africana e afro-brasileira, além de mostrar os profissionais negros da contemporaneidade nas disciplinas de história da arquitetura, e forma a sanar esta lacuna de informação. A análise apoia-se na pesquisa bibliográfica em livros, teses, dissertações e artigos que versam sobre a importância do ensino da História e Cultura dos Afrodescendentes, a formação da identidade brasileira, o aparelhamento de controle de discriminação racial, influenciando, conseqüentemente, a discriminação cultural com a sobrevalorização de saberes europeus, e sobre as políticas afirmativas, sobretudo em relação ao ensino superior. Espera-se permitir a reflexão sobre o processo de invisibilidade da representação da cultura negra, de forma a valorizar as raízes afro-brasileiras e inseri-las no repertório imagético do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Políticas afirmativas; cultura afro-brasileira; identidade brasileira; invisibilidade da cultura negra.

INTRODUÇÃO

A falta de referências negras no ensino da Arquitetura e Urbanismo em pleno século XXI, reforça a importância de se difundir a cultura africana, pois a ausência da representação negra na arquitetura é indicativa de uma sociedade racista, mesmo que não-assumida.

Para entender a problemática acerca do tema, abre-se espaço para o entendimento de que, a reivindicação é consequência de políticas públicas hábeis, de lutas diárias, do grupo negro, socialmente invisibilizado, que por vezes, percebem o racismo velado no espaço acadêmico, na forma de não citação das referências africanas na cultura brasileira, nem de profissionais negros, quer sejam brasileiros ou estrangeiros no ensino de história da arquitetura.

O ambiente escolar deveria fornecer a base para a valorização da identidade brasileira, constituída pela miscigenação de povos de diversas origens, dos quais fazem parte os povos africanos que foram vitimados pela chaga da escravidão, que contribuíram enormemente com suas culturas para a formação da brasilidade. A questão é que, atualmente, não há espaço dedicado, no ensino de história da arquitetura, para a valorização da cultura negra. Pelo contrário, existe uma sobrevalorização da cultura europeia e a invisibilidade da cultura africana e afro-brasileira.

Ora, se não há referências nem citações da cultura africana, nem se percebe a obra de profissionais negros, onde os acadêmicos negros de arquitetura e urbanismo podem se reconhecer? Ou melhor, sendo os acadêmicos negros ou brancos, se pergunta se não há negritude na arquitetura, não há espaço para pessoas negras no mercado?

Segundo Sousa (2020, p.134), o jovem negro passa, até a chegada da idade adulta, por vários processos, despertando diversos questionamentos ao ser exposto à sociedade racista. Essa inquietação que se acumula ao longo dos anos, é evidenciada ao ingressar no mundo acadêmico.

O movimento de reação à ausência de representatividade afro-brasileira na arquitetura e urbanismo se inicia justamente com o aumento no acesso de pessoas negras ao ensino superior com as políticas afirmativas, que são, primordialmente, resultado da mobilização histórica de movimentos sociais, em especial do movimento negro brasileiro (SOUSA, 2020, p. 150), alertando para uma conscientização racial e alimentando a presença de grupos afro-brasileiros no ambiente acadêmico.

Percebe-se então que a inquietação existente pela falta da representação da negritude nas grandes obras arquitetônicas e pesquisas em universidades é reflexo de uma sociedade

desigual no contexto socioespacial e racial.

De acordo com Batista (2008, p.10), “para que a identidade racial da criança negra seja promovida há necessidade de que a História e Cultura dos Afrodescendentes seja trabalhada em sala de aula”.

Nascimento (1978, p.95) ainda argumenta que o sistema educacional brasileiro é utilizado como controle e manutenção da estrutura de discriminação racial:

“Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou ao negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra.”

A problemática trazida em torno de uma cultura de saberes arquitetônicos, onde o referencial afro-brasileiro é silenciado no ponto de vista histórico ao longo da graduação de Arquitetura e Urbanismo, partindo do pressuposto da superioridade da cultura europeia, alerta para uma questão reflexiva dos estudantes, não apenas àqueles que se autodeclaram pardos e negros. A ausência da abordagem das referências negras na sala de aula deixa uma lacuna na vida dos futuros profissionais negros, que passam a se questionar em relação à sua capacidade profissional, sua identidade, posição social e profissional na arquitetura.

Estudar a história e a cultura africana e discutir os conceitos e as lutas dos arquitetos negros deveria fazer parte do processo de formação do arquiteto brasileiro. Essa exclusão acadêmica representa de forma inconsciente o racismo e sugere o apagamento da cultura afrobrasileira. Será que a invisibilidade negra no curso de arquitetura resultará em profissionais realmente preparados para projetar habitações e cidades inclusivas? Como pensar na inclusão e lutar por ela sem ter consciência da força negra e das raízes culturais africanas na construção das grandes cidades brasileiras? Onde estão as representações negras no curso de Arquitetura e Urbanismo? São questionamentos reflexivos e persistentes que precisam ser avaliados.

Assim, o objetivo geral deste estudo é propor uma reflexão e um despertar para incluir na matriz curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo, a importante reestruturação dos saberes históricos e culturais, incluindo a representação da cultura africana e afro-brasileira nos espaços urbanos, nas paisagens e nas edificações, assim como propor a promoção de debates e discursões acerca da visibilidade e representatividade dos arquitetos negros.

METODOLOGIA

A análise apoia-se na

pesquisa bibliográfica em

livros, teses, dissertações e artigos científicos. Para as questões de apoio à identidade racial das crianças negras no ambiente educacional e a necessidade de estudo da história e cultura afro-brasileira, este artigo apoia-se na pesquisa de Batista (2008).

Sobre o sistema educacional, utilizado como aparelhamento de controle da estrutura de discriminação racial e cultural, estudou-se Nascimento (1978) e Sousa (2020) aborda o tema de inclusão ao nível superior das pessoas de cor, da conscientização racial e a presença de grupos afro-brasileiros ao ambiente acadêmico.

Moassab (2020) foi consultado, por suas referências a respeito dos métodos de ensino da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e o site Archdaily foi consultado a respeito de Aníbal Quijano como membro-fundador do grupo Modernidade/Colonialidade - M/C, que aborda o Eurocentrismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Moassab (2020, p.34), “a africanidade, vale mencionar, é uma categoria que tem merecido, infelizmente, pouca atenção na produção científica brasileira”, assim, o autor indica que o ensino da africanidade pode ter como referência a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), única universidade federal bilíngue, com método de ensino focado no plurilinguístico e que em seu curriculum contempla a disciplina “Arquiteturas Afro-Brasileiras”.

Ainda de acordo com Moassab (2020, p.26), a sobrevalorização de saberes brancos, inferioriza os saberes e valores étnico-raciais, indicando que, “ao ‘mover’ a linha da história como ela é usualmente contada, deslocar o marco inicial da modernidade e incluir aí o racismo, muitas outras questões emergem”.

Falar do racismo arquitetônico é um convite a entender como o modernismo colonial influenciou na padronização do conhecimento arquitetônico. Aníbal Quijano (1928- 2018) membro-fundador do grupo Modernidade/Colonialidade - M/C, sociólogo e pesquisador do pensamento decolonial, afirma “que o processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento que demonstra o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado, ou melhor conhecido como Eurocentrismo” (Archdaily, 2020).

O decolonial está no pensar, nas formas, nos processos, no projetar e na história da arquitetura. Contemplação do que é esteticamente belo, exuberante, sem entender de fato a história por trás, se torna menos importante, menos produtivo ou atrativo, algo talvez que não mereça ser visível ou lembrado. Conforme sugere

Moassab (2020), importa compreender o que do nosso cotidiano espacial tem influência negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A frustração da ausência, o silêncio das referências negras somente contribuirá para o esquecimento da história e contribuições negras para a arquitetura. Atualmente, no Brasil, os profissionais estão presos a um repertório imagético eurocêntrico. Cabe aos alunos e instituições atuais o importantíssimo desafio de decolonizar nossa cultura, buscando a construção do conhecimento histórico incluindo culturas não-europeias, debatendo e elucidando os saberes das matrizes africanas.

Assim, o intuito do presente artigo é propor a reflexão sobre o processo de invisibilidade da representação da cultura negra, valorizando as raízes afro-brasileiras, inserindo-as no repertório imagético do curso de Arquitetura e Urbanismo. Porém, não é impor ou cobrar disciplinas, referências arquitetônicas ou a presença de discentes negros na academia. Urge evidenciar a história, resgatar a essência, afeto e memória cultural dos povos africanos que foram forçados a povoar a nação brasileira.

É inadiável o grito por igualdade e respeito por uma das culturas que está na raiz do povo brasileiro. A visibilidade negra, para que os jovens possam se identificar, abraçar e se orgulhar de suas origens, trazendo à tona a pluralidade dentro da arquitetura e do urbanismo, representando a narrativa negra como um dos passos de produção contemporânea da arquitetura brasileira.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Michelangelo Henrique. **Ausência da construção da identidade racial da criança negra no contexto escolar**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Juara, 2008.

ARCHDAILY. <https://www.archdaily.com.br/br/950675/criando-projetos-a-partir-de-um-olhar-decolonial>. Acesso em 26 de set 2022.

MOASSAB, A., RUGERI, M.R., FREITEZ CARRILLO, O. NAME. Arquitetura, gênero e raça (entrevista). **Redobra**, n. 15, ano 6, p. 19-50, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. O Embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio. *In*: NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio no negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1978. Cap. IX, p. 93-100.

SOUSA, Rosa Maria dos Santos de. Des-embranquecendo ideias: um estudo sobre movimentos afro-brasileiros no campo da arquitetura e urbanismo. **Intellectus Revista Acadêmica Digital**, Jaguariúna, v. 58, n.1, p. 134-150 2020. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/artigos/64.769.pdf>. Acesso em: 13 março.2022.



CONEXÃO UNIFAMETRO 2022

XVIII SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645